

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Folha de São PauloClass.: FX-BR 80 408Data: 18.05.71Pg.: cape**A Grande Estrada chega ao rio Xingu**

O hasteamento da Bandeira Brasileira pelo cacique Irno, da tribo dos Beijos de Pau, numa balsa à margem do rio Xingu, marcou sábado a conclusão de um dos trechos da Rodovia BR-80, Brasília-Manaus. O ministro Costa Cavalcanti, do Interior, participou da comemoração oficial da travessia do rio, simbolizada com a subida de um trator na balsa conduzindo as autoridades e o cacique. Com 240 km já desmatados, a BR-80, a Grande Estrada, atravessará a Amazonia e se ligará à Cuiabá-Santarem, passando pelos Estados do Pará e Amazonas e chegando à fronteira com a Colômbia.



PAG. 4

O ministro Costa Cavalcanti e o cacique da tribo dos Beijos de Pau, na travessia simbólica do Xingu, a cujas margens chegou a Grande Estrada.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: PIX-BR80 408
 Data: 18.05.71 Pg.: 4

Festa na selva marca o Ano I da Amazonia

ABRIAM JAGLE
Enviado especial

PIARA-AÇU (Floresta Amazonica) — Com a assinatura, sábado, da "Carta do Xingu", pelo ministro Costa Cavalcanti, do Interior, num palanque improvisado às margens do legendário rio do mesmo nome, em pleno centro da selva amazônica, iniciou-se propriamente o Ano I da Amazonia. É o que declara o próprio texto daquele documento lido na ocasião e firmado pelo ministro, pelo governador de Mato Grosso, por outras autoridades civis e militares e por empresários agropecuários.

Minutos antes, havia o ministro subido num trator pesado que se pôs lentamente em movimento e parou sobre uma balsa estacionada num braço daquele rio, cujo leito tem ali 1.100 metros de largura. Essa largura é na realidade maior, pois, sendo as margens pantanosas, atinge ela 5.000 metros com as inundações.

A breve permanência do ministro na balsa (ao seu lado estava um índio "beijo de pau" que atraiu as atenções de todos) representava a transposição simbólica do rio Xingu naquela eixo pela estrada BR-80; ainda sem nome.

A Grande Estrada

A BR-80 ligará futuramente Brasília a Manaus e foi apontada como a Grande Estrada do Amazonas. Não confundir-la com a Transamazônica.

A Transamazônica está projetada para cortar transversalmente o Norte e Nordeste do País, da Paraíba e Pernambuco até o Peru, e funcionará como estrada coletora de grandes estradas para o Sul.

A BR-80 não deve também ser confundida com a Belem-Brasília (BR-153 e BR-10) e a São Paulo-Acre (BR-50, BR-364 e BR-319), ambas já construídas, nem com a Brasília-Cuiabá, ainda em projeto.

Essas três estradas são consideradas prioritárias no Plano de Integração Nacional, mas apenas envolvem a Amazônia, sem penetrá-la. A BR-80, também chamada estrada de penetração pecuária, penetrará realmente na faixa central da Amazônia e completará sua integração com a economia sulina. Outra estrada considerada importante é a Cuiabá-Santarem, que está sendo construída pelo Exército. O acesso a Cachimbo pela BR-80, construída pela SUDECO, permitirá o aceleramento da Cuiabá-Santarem, que cruza a BR-80 naquele ponto.

A BR-80 ou Grande Estrada da Amazônia, que iniciou o Ano I da Floresta Amazonica, partirá de Brasília, atravessará o Xingu, passará por Cachimbo, chegará a Manaus e irá até a fronteira com a Colômbia. Quando?

Duzentos e quarenta quilômetros já estão prontos (10 metros de pista e 60 de faixa de desmatamento), na margem direita do rio Xingu. Outros 300 quilômetros serão atacados agora do outro lado do rio em direção a Cachimbo. Foi justamente o início dessa nova etapa que se festejou sábado, quando aqui desceram, numa surpreendente pista de 1.200 metros, mais de 40 aviões pequenos (oito lugares) e meia dúzia de aviões grandes, trazendo autoridades e empresários que estão implantando grandes fazendas na imensa área do norte de Mato Grosso e sul do Pará, utilizando os incentivos fiscais através da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazonia).

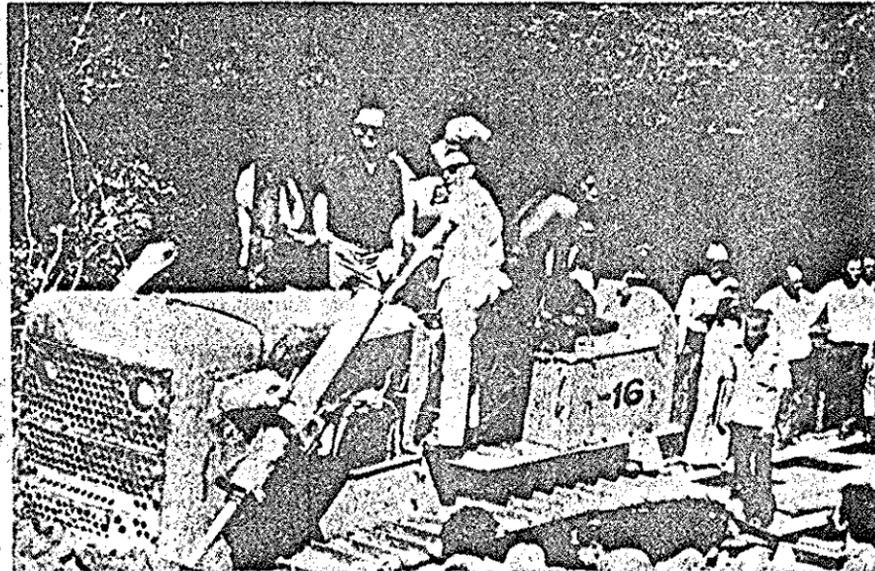
Partindo de Aragarças, na divisa de Mato Grosso com Goiás, concluiu a SUDECO (Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste) a BR-158, até São Felix, onde hoje existe um linha de ônibus e que é um dos pontos do processo agropecuario que aqui se instalou e se está expandindo. Muitos empresários ou grupos empresariais implantam as fazendas mediante projetos amparados pelo governo, mas outros o fazem com recursos próprios.

Prazo imprevisível

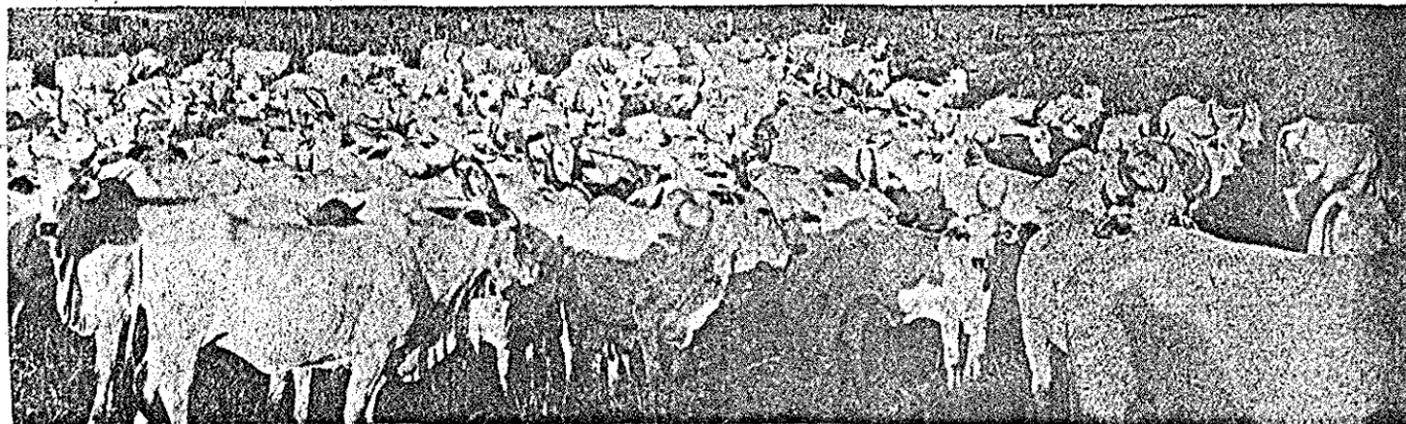
No quilometro 343 da BR-158 iniciou-se a Grande Estrada da Amazonia, cujo per-



Trondi, o cacique dos Beijos de Pau



Sobre o trator, a travessia simbólica do Xingu. A BR-80 avança.



Com a implantação dos projetos agropecuarios da SUDAM, os rebanhos bovinos integram a nova paisagem

curso total será de 3.600 quilômetros, dos quais 3.000 dentro da selva amazônica. As obras já prosseguem do outro lado do rio, onde já foi aberto um quilometro de estrada. O superintendente da SUDECO, sr. Sebastião Dante de Camargo Junior, afirmou, no palanque improvisado, que se pretende chegar a Cachimbo em fins de setembro e que depois se atravessará o Araguaia no sentido de Brasília.

Segundo, porém, a firma construtora da BR-80 (que tem longa experiência, pois já construiu a Belem-Brasília e a Brasília-Acre), é imprevisível o tempo de duração da obra, que depende do tipo da mata e da região. Há ainda necessidade de aterrar dois quilômetros em ambas as margens do rio Xingu.

De acordo com estimativa da SUDECO, a Região Centro-Oeste, a ser cortada pela BR-80, tem 8% da população brasileira, apesar de abranger 64% da área territorial global do País. Objetiva-se assim um aumento demográfico no sentido da Amazonia, mediante a implantação inicial de atividades primeiramente pastoris e depois agrícolas. Em Uberaba, há pouco, apontou o ministro Cirne Lima, da Agricultura, as seguintes metas prioritárias: 1) suprir satisfatoriamente o mercado interno de carne; 2) atender à exportação; 3) fixar novas fronteiras econômicas com a pata do boi.

Carne e uisque

Dentro de alguns anos — diz agora a SUDECO — deveremos ter na Amazonia um rebanho de 100 milhões de cabeças de gado, suficiente para o abastecimento do continente americano. O começo de tudo isso é a atual conjugação de esforços entre a empresa privada e o governo.

O governador de Mato Grosso, sr. José Fragelli, participou da Festa do Xingu. Antes, porém, de se dirigir a Piara-Açu, acompanhado do general Lucídio Gómes de Arruda, secretário de Segurança do seu Estado, e diretores da Associação dos Em-

presarios Agropecuarios da Amazonia, visitou durante três dias sete fazendas distantes centenas de quilômetros uma da outra e implantadas em diferentes pontos da floresta fechada.

A comitiva esteve no ar durante cerca de nove horas e percorreu quase 3.500 quilômetros sobre a selva amazônica, em dois aviões que decolaram e aterraram em pistas existentes nas fazendas. Essas propriedades, implantadas segundo projetos agropecuarios aprovados e amparados pela SUDAM (algumas foram iniciadas antes dos incentivos fiscais), constituem núcleos pioneiros em que tudo começou da estaca zero e onde se procura adotar técnicas racionais de trabalho na criação extensiva de gado para a produção de carne.

A maior e mais antiga dessas propriedades (grupo Ometto) em Barra do Garças, Mato Grosso, próximo a Goiás, tem hoje um dos mais selecionados rebanhos de gado uniforme da Amazonia. O mesmo acontece com outra propriedade (grupo Camargo Correa) em Nortelandia, que possui 21.000 cabeças de gado controlado com crescente índice de fertilidade (chegou a 75% no gado Nelore). Até uma pequena usina hidrelétrica foi construída nessa propriedade. Em outra fazenda (grupo Druvys) será construída uma destilaria para 250.000 litros mensais de uisque de milho, cujos resíduos serão destinados à engorda de bovinos.

"Até há bem pouco, era o boi que criava o pecuarista em Mato Grosso. Agora é o pecuarista que começa a criar o boi". Esse dito, aparentemente jocoso, que se costuma ouvir em conversa de boiadeiro moderno na Amazonia, encerra um fundo de verdade: O maior fornecedor de boi para o Brasil desde há quase um século tem sido o Pantanal de Mato Grosso, cuja população bovina praticamente não se podia conhecer com exatidão, nem controlar seu aumento em imensa extensão de pasto nativo e pouco acessível.

As novas fazendas implantadas na Amazonia suprem-se inicialmente de gado do Pantanal, cuja seleção é feita com produtores de linhagens em que a velocidade do ganho de peso constitui a principal preocupação.

Questões polemicas

Não só a pecuária e a mineração poderão ser incrementadas na Bacia Amazônica. A penetração do território, ao lado desses aspectos, teve outras repercussões, duas das quais bastante polemicas: mão-de-obra e índios.

O "beijo de pau" que estava ao lado do ministro do Interior era um índio catapó com o labio inferior deformado por um disco de madeira. Ele e mais três ou quatro índios chegaram até o local da inauguração da segunda etapa das obras da BR-80, porém os irmãos Vilas Boas não compareceram. O presidente da FUNAI, general Bandeira de Melo, recomendou ao "beijo de pau" que transmitisse um abraço àqueles sertanistas que vivem no Parque Nacional do Xingu, cujo coração foi atravessado pela BR-80.

A Associação dos Empresários Agropecuarios da Amazonia, criada em 1968 para assessorar a SUDAM, reúne cerca de 150 membros e a principal condição exigida para ingresso é a existência de um projeto aprovado por aquele órgão, e idoneidade. Legalmente, sua sede situa-se em Belem, porém efetivamente funciona em São Paulo, pois a quase totalidade dos investidores na Amazonia é paulista.

A atual diretoria da AEEA (bienio 1971-1973) está assim constituída: presidente, Hermínio Ometto; vice-presidentes, José Aparecido Ribeiro (também diretor-geral), Candido Flarys da Cruz, Pedro Franco Piva e Luis Gonzaga M. Furat; diretores, Candido Flarys da Cruz, Ronaldo Avelar Assunção, Manoel Elpidio Peretra de Queiroz e Carlos Alves Setras. A entidade tem 23 conselheiros.